

A FORMAÇÃO DOCENTE E OS SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO – UM CAMINHO EM CONSTRUÇÃO

Maria Efigênia Alves Moreira¹
Maria Brasilina Saldanha da Silva²
Aline da Silva Pereira³
José Ronaldo Ribeiro da Silva⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os saberes e competências docentes necessárias à educação do futuro, elencadas por Edgar Morin (2004) como a competência de lidar com o efêmero, a pertinência dos conhecimentos, a comunicabilidade e o reconhecimento da condição humana, considerando o contexto educacional brasileiro contemporâneo. O trabalho faz uma abordagem desses saberes e do contexto educativo na perspectiva da formação humanitária e crítica, que perpassa o currículo e a formação docente. É também ponto de discussão a fragmentação dos conteúdos e a necessidade da articulação entre os diferentes conhecimentos. Este trabalho instiga uma visão sobre a lógica capitalista na educação e a desvalorização das áreas humanistas, bem como a necessidade de uma formação docente não apenas técnica, mas também ética e estética. A abordagem recai sobre a necessidade de se questionar os saberes que permeiam o contexto educativo e a função da educação escolar diante das emergências sociais, considerando que, ao mesmo tempo em que a escola está situada em uma dimensão multiculturalista, é palco de individualismo e intolerâncias das mais diversas ordens. A pesquisa é qualitativa, de caráter bibliográfico e tem como base teórica os estudos de Edgar Morin (2004), Paulo Freire (2000-2005), Mészáros (2008), Zabala (1998), Sacristan (2000), dentre outros.

Palavras-chave: Educação, Formação Docente, Currículo, Humanidade.

INTRODUÇÃO

O texto *Os Sete Saberes necessários à Educação do futuro*, de Edgar Morin (2004) delinea um caminho que precisa ser percorrido pela educação, considerando as emergências sociais e humanísticas desse novo contexto social, baseado na economia de mercado e no capital globalizado, que tem colocado em risco o meio ambiente e tornado os seres humanos cada vez mais individualistas. Paulo Freire afirmou, em suas cartas pedagógicas (2000, p.67) “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

A educação pode ser o instrumento mais eficaz para essa transformação necessária. Mas para tal, precisa que um de seus agentes principais, o professor, tenha não apenas a formação técnica exigida pelo currículo, mas também uma formação humanística, que prime

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará - UFC, efigenia.alves@ifce.edu.br;

² Pós-Graduada pela Universidade Vale do Acaraú - UVA, maria.silva@ifce.edu.br e maria.silva@ifce.edu.br;

³ Mestranda em Educação Profissional Tecnológica – PROFEPT, aline.silva@ifce.edu.br;

⁴ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ronaldoribeiro@ifce.edu.br;

pela autonomia dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, bem como valorize a sua posição crítica diante da sociedade.

Dessa forma, a educação cumpre um papel primordial e imprescindível, na perspectiva de construir esse caminho de formação humanística, considerando o contexto sócio-histórico atual, o que incide diretamente na formação docente. E os professores são agentes fundamentais desse processo, visto que estão diariamente com os alunos, lidando com conhecimentos, ideias e atitudes.

Essa pesquisa é qualitativa, visto que tem caráter exploratório e busca aspectos subjetivos, percepções, entendimentos e interpretação sobre os saberes necessários para a educação do futuro e sua relação com a formação docente. Trata-se de um processo de reflexão e análise da realidade, por meio da compreensão do seu objeto de estudo inserido no contexto histórico: a educação escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. As obras que serviram de aporte teórico discutem a formação docente, contexto histórico-social e a necessidade de uma educação que atenda às demandas imediatas para o futuro.

O objetivo desta análise é discutir as nuances da educação contemporânea e as competências para educar as novas gerações, tendo como base *Os Sete Saberes necessários à Educação do futuro*, de Edgar Morin (2004) e outras obras que discutem as condições emergenciais da humanidade, a educação e a formação docente. Dentre os autores estudados, está Paulo Freire (2000, 2006), que aborda a formação de professor na perspectiva humanista; Milton Santos (2006), que discute a sociedade imersa no capital, propondo uma outra globalização e uma consciência coletiva e outros teóricos como Zabala (1998) e Sacristán (2000).

O problema que se apresenta é perceber os saberes que os docentes devem ter, em seu percurso formativo acadêmico e/ou no processo dialógico social, para implementar a educação do futuro, que se constrói no presente, tão marcada por crises de diferentes ordens. A globalização e o multiculturalismo exigem novas posturas e um novo modo de perceber o mundo e lidar com ele. Os professores precisam estar preparados para esse novo modelo educativo e social, que não prescinde dos conhecimentos acadêmicos, mas exigem além deles.

Para tanto, se faz necessário conhecer onde essa educação, centro do processo, está situada, em que princípios ela se baseia, quais os fundamentos que a sustentam, como ela se configura e quais os seus objetivos oficiais, enquanto equipamento de formação. Só é possível analisar o papel do docente nesse processo à luz dos saberes que devem nortear o seu trabalho, que foram considerados os saberes elencados por Edgar Morin. Percebe-se, no entanto, que a educação escolar se encontra imersa em contradições, uma vez que os

documentos oficiais abordam um tipo de formação que a práxis não tem contemplado e a escola torna-se palco de intolerâncias. Ao mesmo tempo em que se deseja uma formação participativa e crítica, privilegiam-se determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras, tão importantes para a construção de uma consciência social e humanitária.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é qualitativa, visto que tem caráter exploratório e buscou aspectos subjetivos, percepções, entendimentos e interpretação de contextos históricos. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, em que foi coletado referencial teórico publicado sobre educação, formação docente e os desafios enfrentados para uma educação mais humanitária, considerando os saberes necessários à educação do futuro, propostos por Edgar Morin (2004).

Assim, por partir desses saberes mencionados, foram estudados cada um deles, suas nuances, seu entorno, comparados com observações empíricas e vivenciais do contexto da educação básica, considerando também a formação dos professores.

Para desenvolver a pesquisa, o primeiro passo foi fazer o levantamento bibliográfico, buscando autores, além de Edgar Morin, que pudessem contribuir com a abordagem da formação docente e o contexto da educação brasileira atual. Após as leituras e discussões, foram realizadas reflexões a partir do material coletado, dando origem ao presente trabalho.

DESENVOLVIMENTO

Carlos Brandão (2009, p. 3) disse que “ninguém escapa da Educação”. A educação está presente em toda atividade humana, e enquanto fenômeno social contém as marcas de uma determinada época. Quando falamos de educação sistematizada, esta carrega no seu bojo um projeto social; vem impregnada de ideologias e intencionalidades. É fator preponderante na construção de uma sociedade, por ser responsável pela preservação do legado cultural e servir como elemento agregador, representando os anseios de uma coletividade.

No entanto, a educação não é neutra, pelo contrário, ao ser construída a partir da visão histórico-político-social de um povo, está perpassada por toda complexidade social; seu processo contínuo está permeado por intensas relações de muitas ordens. Na verdade, as relações econômicas e de trabalho configuram a estrutura social e interferem diretamente na escola, lugar por excelência para o fazer educativo. Portanto, a educação também não é homogênea, ela muda conforme contextos históricos, geográficos, econômicos e estruturais, a

partir das organizações dos sistemas educativos, que por sua vez, demandam múltiplas circunstâncias.

No mesmo sistema educacional, por exemplo, temos diferentes configurações, de modo que se geram padrões diversos de ensino e de aprendizagem. Partindo de uma perspectiva de país, embora existam Parâmetros Curriculares Nacionais ou uma mesma Base Nacional Curricular Comum, os indicadores avaliativos apresentam um alto percentual de divergência, no sentido da qualidade de educação. E quando se pensa no comparativo entre educação pública e privada, essa divergência é ainda maior. Muitas vezes essas contradições fortalecem valores e crenças, imprimindo descrédito com a educação pública.

Mas que conhecimentos são considerados nas avaliações externas, responsáveis por monitorar o processo de ensino e aprendizagem e pretensamente reconfigurar as políticas públicas educacionais? Que saberes são considerados? Sabemos que as áreas de linguagem e matemática gozam de maior prestígio, no âmbito das avaliações. No entanto, se faz necessário considerar a formação integral do sujeito, nas suas dimensões cognitiva, social e emocional, visto que a vida em sociedade exige tais saberes.

Há, nas relações sociais, um jogo de interesses e muitos equipamentos servem para implementar projetos, muitas vezes de dominação, sendo a educação o principal veículo para imprimir valores dominantes. Portanto, espera-se que a educação faça o contraponto, caminhe pelo viés da cidadania, da formação crítica, cumprindo de fato o seu papel social, dialeticamente. É no interior dessas relações dialéticas que a sociedade vai se delineando, fortalecendo seus modelos ou rompendo paradigmas. Como disse Cury,

A educação se opera, na sua unidade dialética com a totalidade, como um processo que conjuga as aspirações e necessidades do homem no contexto objetivo de sua situação histórico-social. A educação é, então, uma atividade humana partícipe da totalidade da organização social. Essa relação exige que se a considere como historicamente determinada por um modo de produção dominante, em nosso caso, o capitalismo. E, no modo de produção capitalista, ela tem uma especificidade que só é inteligível no contexto das relações sociais resultantes do conflito de duas classes fundamentais. (CURY, 1995, p. 13).

Há um questionamento permanente sobre o papel da educação em cada contexto histórico e cultural, visto que as demandas sociais vão emergindo a partir das relações que se estabelecem e pela produção cultural e tecnológica de cada sociedade em determinadas épocas. Esse questionamento precisa estar presente nas pautas educacionais para que a educação não sirva apenas como aparelho de Estado para reprodução social, mas que de fato esteja focada na formação humana, que atenda às necessidades de cada época, tendo por base valores éticos e princípios humanísticos.

Mas a educação, muitas vezes, caminha isolada, reproduzindo valores econômicos que acabam ferindo princípios de cidadania. Na sociedade contemporânea, marcada pela revolução tecnológica e globalização, mais ainda a educação precisa questionar o tipo de sociedade que se deseja formar, sob o risco de transformar-se em veículo de poder e opressão. Como a nossa sociedade é de base capitalista, a educação deve ser instrumento de humanidade, combatendo a alienação, característica desse tipo de sociedade.

Considerando os documentos oficiais que norteiam a educação básica e o ensino superior, como os Parâmetros e Referenciais Curriculares, os Projetos Políticos Pedagógicos, os Planos de Desenvolvimento Institucionais, as instituições educativas se colocam como instrumentos de formação de cidadãos críticos, autônomos e participativos. E para formar cidadãos assim previstos, é necessário trabalhar o ser humano na sua completude, abordando os conteúdos de forma contextualizada e dialética, bem como gerando novos conhecimentos.

No entanto, o foco que se tem dado historicamente é no aspecto cognitivo. As próprias avaliações que são implementadas internas e externamente atestam isso, ao considerar o aluno quantitativamente, ignorando valores e atitudes. As consequências dessa educação têm sido percebidas a partir do modelo social instaurado, baseado na intolerância, no consumismo e individualismo.

E em que posição fica a formação docente, nesse contexto? Quais são os caminhos formativos teóricos e práticos? Como os currículos têm se estruturado para atender a essas demandas emergentes de formação cidadã para o futuro? Em que lugar da formação docente estão os saberes para a educação emergente? Quais são esses saberes? Onde eles se encontram e como adquiri-los? As respostas não serão apresentadas, dada a complexidade das relações sociais, mas algumas abordagens irão suscitar um entendimento das lacunas da formação docente.

Os conhecimentos que transitam nas relações educativas precisam ter vínculos com a realidade e preparar a sociedade para romper com os grilhões desse tempo. Educar para a tolerância, para a compreensão não significa abandonar os conhecimentos a serem transmitidos ou construídos, mas associá-los com diversas áreas do conhecimento e da vida. A educação do futuro requer um caminho feito no hoje, um ensino voltado para a humanidade, valendo-se de princípios éticos e humanistas. No entanto, o que vemos é um ensino conteudista e fragmentado, que não atende às demandas atuais, por se distanciar contextualmente e ser desvinculado da vida.

Para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integra (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a histórias, mas também a literatura, a poesia, as artes... (MORIN, 2004, p.48).

Quando Morin fala das humanidades, é visto um esvaziamento da literatura, da poesia, das artes no espaço educativo. Quando aparecem não são como fruição estética, mas como conteúdo a ser visto, apreendido para uma futura avaliação racionalizada. As disciplinas humanísticas não encontram lugar privilegiado no currículo.

As práticas pedagógicas se lançam sobre as disciplinas de ordem imediatamente funcional, que dão resultados estimativos. Dessa forma, a individualidade vai se potencializando e a globalidade distanciando as pessoas. Quando Milton Santos (2006, p.116) discute a pedagogia da existência, defende que “a consciência da diferença pode conduzir simplesmente à defesa individualista do próprio interesse, sem alcançar a defesa de um sistema alternativo de ideias e de vida”.

Esse pensamento tem imperado, o da individualidade, do imediatismo. E a educação pode ser também o veículo da mudança, da esperança. Ao propor a formação de uma consciência crítica, a educação pode contribuir para a reestruturação da sociedade. Como disse Freire (2007, p. 104), “No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das ‘situações-limite’”. Morin apresenta a Educação do Futuro como uma emergência. Desde sua escrita decorreram alguns anos, buscando esse caminho. E a educação do futuro se constrói no hoje. As emergências sociais sinalizam para a necessidade urgente de uma educação nova, de caráter integralizador e humanístico, através da criticidade e da liberdade de pensamento.

Olhando para o que fizemos nesses anos, podemos dizer que o caminho está construído? Estamos preparados para essa educação do futuro, considerando todas as demandas da atualidade? Como está a formação desse profissional que atua diretamente nessa construção social pela educação? A universidade está com esse olhar de uma educação que considere o ser humano em sua completude? Que espaço é dado, no âmbito educativo, para discutir a sociedade? Quais são as orientações recebidas das instâncias educativas? Essas são questões que merecem ser repensadas para uma tomada de decisão coletiva, ganhando foco nas políticas públicas, para um melhoramento da formação docente e condições de trabalho.

Um ponto a ser considerado também na formação docente diz respeito às proposições éticas e estéticas. A partir delas, a filosofia vai costurando as indagações necessárias para a formação da consciência humanitária. Pelo viés da ética, a filosofia perpassa a prática pedagógica e os conteúdos historicamente acumulados a ser transmitidos como valor cultural ou a construção de novos conhecimentos vão sendo validados e ressignificados.

Ensinar é difícil e não dá para esperar que a explicação das variáveis que intervêm possa ser feita por um discurso simplista. Agora, tampouco devemos perder de vista que em grande parte, poder trabalhar desde este marco implica uma atitude construtiva – baseada no conhecimento e na reflexão -, que contribui para que nossas intervenções, talvez de forma intuitiva em grande parte, se ajustem às necessidades dos alunos que temos em frente, nos levem a incentivá-los, a ver seus aspectos positivos, a avaliá-los conforme seus esforços e a atuar como o apoio de que necessitam para seguir. (ZABALA, 1998, p. 108).

Mas não dá para fazer muito, se não houver, também, uma reforma no currículo, que dê ênfase às disciplinas humanísticas. O professor precisa ter formação e espaço, no seu trajeto pré-traçado por instâncias educativas superiores, para transitar na trans e interdisciplinaridade. É comum esses “atravessamentos” estarem postos documentalmente, mas na prática docente tornam-se inviáveis devido ao excesso de conteúdo que precisa ser trabalhado. Ainda sobre currículo, disse Sacristan (2000):

Este é um aspecto específico da política educativa que estabelece a forma de selecionar, ordenar e mudar o currículo dentro do sistema educativo, tornado claro o poder e a autonomia que diferentes agentes têm sobre ele, intervindo, dessa forma, na distribuição do conhecimento dentro do sistema escolar e iniciando na prática educativa, enquanto apresenta o currículo seus consumidores, ordenam seus conteúdos e códigos de diferentes tipos. (SACRISTAN, 2000; p 109).

Os discursos precisam estar em consonância com a prática, do contrário, a escola continuará formando sujeitos incapazes de questionar e dispostos à intolerância, como vem ocorrendo atualmente. No entanto, a instância educativa está inserida dentro de uma lógica perversa do capital, que tudo torna mercadoria. A própria educação se curva perante a economia e torna-se equipamento de manutenção dessa ordem. Mézarós (2008, p. 25), ao discutir a “educação para além do capital”, diz que

Poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados. Consequentemente, uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança (MÉSZARÓS, 2008, p. 25).

Os caminhos a serem trilhados se apresentam distantes, quando pensamos na formação docente, que não responde por questões dessa sociedade emergente. A educação do futuro é agora. As gerações estão saindo da escola sem as condições de atuação social, principalmente de base humanística. A formação integral precisa acontecer, de fato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Edgar Morin (2004) elencou competências necessárias para a educação do futuro, as quais serão aqui abordadas, seguidas de reflexão da práxis docente e as nuances desses saberes no âmbito escolar. O autor apresenta a necessidade de conhecer o conhecimento, de entender como ocorrem esses processos, visto que o conhecimento está também atrelado ao erro e à ilusão. Vivemos na sociedade do conhecimento e da informação, em que as mudanças ocorrem em grande velocidade. Os conceitos que surgem como verdades, são efêmeros. Historicamente a ciência apresentava uma teoria explicativa de um fenômeno e a sociedade vivia por muito tempo sob determinada verdade.

Na contemporaneidade tudo é muito volátil. De um lado é positivo, por romper com autoritarismos conceituais. O aspecto negativo é que essa transitoriedade tem contribuído com uma visão imediatista. As teorias surgem rápidas e rápidas se dissolvem. Não há como se apegar a uma explicação, o que exige uma constante formação, sob o risco de ficar conceitualmente ultrapassado. Neste sentido, a educação precisa se desprender de verdades estáticas e buscar constantemente as verdades no campo da pesquisa. Precisa aprender a lidar com o que é de ordem passageira. Como as verdades nos chegam por canais perceptivos, é passível de erro e de ilusão.

Não se trata de uma negação da verdade e da busca, mas aceitar a transitoriedade dos conhecimentos. Agindo assim, a educação não apenas transmitirá o que foi historicamente conquistado, mas sairá do conformismo e seguirá na busca de novos conhecimentos, num processo permanente de questionamentos e construção, reconhecendo e aceitando o erro, inerente à busca. Quando a educação refuta a possibilidade do erro, ela se encastela e transforma-se em doutrina. A educação deve caminhar pelo viés da contestação, discutindo as teorias, formando os alunos para a criticidade, como já é previsto oficialmente nos currículos. No entanto, Morin já advertia:

A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistérios. (MORIN, 2004, p. 23).

Desse modo, a educação precisa considerar o racional, questionar as verdades, sem se distanciar da subjetividade e tudo que é de ordem humana. A formação docente deve abarcar a cientificidade e a humanidade, dialogando entre razão e sentimento, entre verdade e ilusão, entre permanente e efêmero, sem descuidar da condição humana de sentir e perceber racionalmente e afetivamente, visto que a ciência não dispõe de instrumentos para

monopolizar a epistemologia, a filosofia e a ética. O ser humano não é só razão. A emoção leva ao erro, mas a racionalidade cega também. É necessária uma formação que considere o homem nas suas múltiplas dimensões, para que ele tenha a capacidade de enxergar o outro, de valorar as suas atitudes em prol da humanidade, do coletivo.

Agindo assim, a educação se manteria na posição de autocrítica, por considerar o princípio da incerteza, das percepções e da historicidade das coisas e dos fatos, mantendo-se flexível para o novo. Ao formar consciências críticas, aparelha o sujeito para romper paradigmas, que são impostos socialmente. Paradigmas que surgem hegemonicamente e aprisionam, subjugando pensamentos e ações, direcionando desejos e comportamentos.

Na sociedade contemporânea, o paradigma que mais aprisiona é o mercantilismo, onde tudo só vale pelo valor da mercadoria, de troca. E o currículo está sob essa lógica do capital, ao privilegiar as disciplinas que têm valor no mercado, desvalorizando as de ordem ética e estética. Essa desvalorização incide no docente, que ministra tais conteúdos de conhecimento humanístico e questionador. A educação deve trabalhar em contraponto ao enrijecimento, ao imutável, propondo um ensino que ofereça instrumentos intelectuais para indagações e reflexões quanto ao que está posto.

Conhecimento pertinente. Essa competência diz respeito à universalização do conhecimento. O novo contexto abarca ao mesmo tempo os conhecimentos de ordem científica, econômica, ecológica, antropológica. Para Paulo Freire (2000, p. 67), “A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.”

Mas o que tem imperado é a ordem econômica, que inviabiliza políticas públicas ecológicas em benefício do capital, do lucro. Para compreender essas interdependências, a educação tem o papel de desvelar, de tornar evidente as implicações históricas, a partir de uma prática reflexiva e contextualizada, tendo a pesquisa como indicativo, a ciência como fundamento.

As relações se ampliam significativamente e globalmente. As ações planetárias tem repercussão local e vice-versa. Diante dessa complexidade, se faz necessário compreender o lugar do local, das partes nesse todo indissociável. E a educação fica no centro dessa multidimensionalidade. De um lado a necessidade da transversalidade, transdisciplinaridade; de outro um currículo compartimentado, o que inviabiliza a pertinência do conhecimento.

As disciplinas não se integram, não dialogam para uma compreensão do todo. Dessa forma, a educação caminha para a especialização e fragmentação do conhecimento. A

educação do futuro precisa atentar para a relação entre as partes e o todo, significando a aprendizagem. Para Morin,

A inteligência parcelada, compartimentalizada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. E uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou da visão ao longo prazo (MORIN, 2046, p. 43).

A especialidade conduz ao estudo aprofundado, necessário para apreender um fenômeno. Mas esse movimento precisa ser temporário e reintegrado ao todo. Segundo Morin (2006), a permanência na especialidade gera cegueira do conhecimento, visto que não há conexão entre os saberes que devem estar interligados. O conhecimento específico não significa sabedoria. O parcial precisa ser entendido dentro do multidimensional, sob o risco de perder o sentido, quando desagregado do todo. E o sentido chega pelas diversas áreas do conhecimento e da esfera social.

Nesse novo contexto social integralizado por essência, como se estrutura a formação docente? Quais as competências que torna o professor um sujeito que compreende essa complexidade e atua na rede global de saberes e necessidades? As percepções mostram que cada professor é dono do seu saber isolado, o trabalho pedagógico é fragilizado pela ausência da dialogicidade entre os conhecimentos.

Competência da comunicabilidade. Se o mundo é multidimensional, a comunicação deve ser fator preponderante para manter as redes interligadas. É a comunicação que possibilita a interação social. É na relação com o outro que as ações humanas ganham significado. Historicamente a educação manteve uma posição de unicidade da palavra. Durante a predominância da educação tradicional, o direito à fala estava com a autoridade, de forma que a comunicação era truncada.

Hoje, diante desse novo contexto comunicativo, a escola está aprendendo a ceder o direito de voz, a estabelecer o intercâmbio. Essa relação é mediada pelo partilhamento das experiências coletivas, pela cultura comungada. Dessa cultura mista surge um novo paradigma, o multiculturalismo. Se o mundo é global, há que se respeitar e saber conviver com o diferente. O docente na sua prática cotidiana pedagógica é o principal promotor dessas trocas. É ele que deve, não apenas permitir, mas provocar o acesso comum à tematização social. É no diálogo que os saberes vão sendo construídos e integralizados. A competência dialógica instrumentaliza o ser humano para intervir socialmente.

E a educação, especialmente na figura do professor, tem esse papel de mediar às aprendizagens e incitar a consciência crítica. Na atualidade não há lugar para o docente dono

de saberes e único comunicador. A sociedade exige um novo perfil desse profissional, visto as demandas que emergem dentro de uma complexa rede multilateral.

Competência de reconhecer a condição humana. Nessa competência se insere a identidade terrena, as incertezas e a compreensão. A condição humana está primeiramente firmada na transitoriedade. Dela mesma decorre também incertezas. Ao tempo em que a cientificidade e a técnica dominam, o homem torna-se mais frágil. Paralelo aos avanços tecnológicos, que têm facilitado a vida, caminham atrocidades humanas, como a fome, desenfreadas agressões à natureza e a guerra. Diante da tecnologia que tudo alcança, o homem sente-se cada vez mais inseguro. O aperfeiçoamento da técnica não tem sido suficiente para conter as desigualdades. Pelo contrário, tem acentuado.

As preocupações éticas e estéticas surgem nesse cenário como urgentes para situar o homem na sua condição finita, planetária. Junto a esse novo pensar o homem, está a preocupação ecológica, ou seja, com o meio físico em que o ser humano se insere e do qual depende a própria existência. Essas discussões precisam ser implementadas pela educação, na perspectiva de formação de um novo homem, capaz de conviver em respeito com a natureza e com o seu semelhante, reconhecendo sua condição transitória.

A educação do futuro não pode descuidar da formação da pessoa inteira, primando por sua humanidade. Há uma tendência de a escola romper com o lúdico, com o afeto, por trabalhar na perspectiva da racionalidade, da técnica, da competitividade, do utilitarismo. A consequência é a formação de pessoas intolerantes e individualistas. Isso precisa ser rompido no interior das escolas, nas suas relações de aprendizagem e formação do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, como necessidade intrinsecamente humana, é um fluxo constante, que se modifica conforme o contexto histórico em que está inserida. É um movimento dentro do qual se permite alterações. Por acontecer no interior das relações sociais, está carregada de ideologias e intencionalidades que se delineiam através de seus equipamentos que direcionam as práticas educativas. No entanto, para que as práticas educativas sejam alteradas, se faz necessário que os sujeitos nelas envolvidos conheçam todas as nuances que as influenciam e que delas decorrem. E um de seus principais sujeitos é o professor, que diariamente interage com o aluno, na comunicação de saberes e experiências. Considerando o contexto social atual e a educação do futuro, a formação docente apresenta-se deficitária, ao formar prioritariamente para a intelectualidade, com tendência a fragmentação do conteúdo.

Consequentemente a práxis do professor também será fragilizada, ao se deparar com as verdades transitórias, com o imprevisto, com a multidimensionalidade. Na contemporaneidade, a competência do professor vai para além do domínio de conteúdos, de técnicas, de controle de sala. Ele precisa saber dialogar os diferentes conhecimentos, educar para a diferença e globalidade, sem desconsiderar o local. No entanto, a educação, como ação humana, é passível de mudanças. Enquanto instrumento de formação, precisa repensar seus caminhos, romper práticas autoritárias que a imprime à ordem do capital. São caminhos difíceis, mas os maiores impérios estão passíveis de fracasso, pela complexidade da natureza humana.

Considerando os saberes e competências necessárias à educação do futuro, a formação docente precisa ser repensada, para contemplar os antagonismos sociais, integrando ao seu fazer pedagógico, formando para a humanidade. A maior competência docente está em articular os saberes historicamente acumulados à saberes emergentes, considerando o aluno na sua completude. Trabalhar as diferentes dimensões humanas é um grande desafio, principalmente nesse contexto múltiplo, de globalização. No entanto é um caminho que precisa ser construído e que parte de uma boa formação, que precisa ser permanente.

E para além da formação inicial e continuada, a formação docente também acontece no interior das relações sociais, através de sua condição biológica, psíquica e social, quando as experiências são refletidas. Mas essa autoformação não nega a necessidade de uma formação sistematizada, que por si só também não basta. É um caminho em construção.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CURY, C. R. J. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MESZÁRÓS, I. **A Educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Bointempo, 2008.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2004.
- SACRISTAN, G. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização - do pensamento único a consciencia universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ZABALA, A. **A prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.